



O TURISMO *OFF THE BEATEN TRACK*: NOVO OLHAR SOBRE AS PERFORMANCES TURÍSTICAS

OFF THE BEATEN TRACK TOURISM: A NEW LOOK AT TOURISM PERFORMANCES

TURISMO OFF THE BEATEN TRACK: UNA NUEVA MIRADA A LAS PERFORMANCES TURÍSTICAS

Andressa Lago – UNIVALI¹

ISSN 2594-8497



Licenciada por Creative Commons 4.0 / Internacional
CC BY 4.0

Submetido em: 16/12/2025

Aprovado em: 23/09/2026

Avaliado em pares

Editor: Izac Bonfim

RESUMO

Em grandes cidades é comum que sujeitos almejem, além de fruir de áreas turísticas, ir ao encontro de lugares autênticos e mundanos. O turismo *off the beaten track* é um modelo alternativo situado em lugares que não são relacionados ao imaginário turístico convencional. Ademais, apesar de não ser discutido nos estudos de turismo, é comum que os moradores façam práticas turísticas. Por essa razão, o objetivo deste ensaio é compreender como se configuram as relações entre o turismo *off the beaten track* e as performances de moradores como turistas. Para isso, a virada das mobilidades foi adotada para contrastar o conceito tradicional de turismo com atitudes e atividades que podem ser consideradas como turísticas. Essa discussão reforça que há lacunas (epistemológicas e políticas) que precisam ser superadas para a continuação de agendas de pesquisa sobre o turismo de proximidade como medida sustentável e autêntico, desde que considere a comunidade local.

Palavras-chave: Turismo *off the beaten track*; Performances turísticas; Virada das mobilidades; Turistas-residentes.

ABSTRACT

In large cities, it is common for individuals to aspire not only to enjoy tourist areas but also to discover authentic and everyday places. Off-the-beaten-track tourism is an alternative model situated in locations not associated with the conventional tourist imagination. Furthermore, although not discussed in tourism studies, it is common for residents to engage in tourist practices. For this reason, the objective of this essay is to understand how the relationships between off-the-beaten-track tourism and the performances of residents as tourists are configured. To this end, the mobility shift was adopted to contrast the traditional concept of tourism with attitudes and activities that can be considered touristic. This discussion reinforces that there are gaps (epistemological and political) that need to be overcome for the continuation of research agendas on proximity tourism as a sustainable and authentic measure, provided it considers the local community.

Keywords: *Off the beaten track tourism; Tourist performances; Mobilities turn; Tourist-residents.*

RESUMEN

En las grandes ciudades, es común que las personas aspiren no solo a disfrutar de las zonas turísticas, sino también a descubrir lugares auténticos y cotidianos. El turismo fuera de las rutas turísticas es un modelo alternativo situado en lugares no asociados con el imaginario turístico convencional. Además, aunque no se discute en los estudios de turismo, es común que los residentes participen en prácticas turísticas. Por esta razón, el objetivo de este ensayo es comprender cómo se configuran las relaciones entre el turismo fuera de las rutas turísticas y las actuaciones de los residentes como turistas. Para ello, se adoptó el cambio de movilidad para contrastar el concepto tradicional de turismo con actitudes y actividades que pueden considerarse turísticas. Esta discusión refuerza que existen brechas (epistemológicas y políticas) que deben superarse para la continuación de las agendas de investigación sobre el turismo de proximidad como una medida sostenible y auténtica, siempre que considere a la comunidad local.

Palabras clave: *Turismo off the beaten track; Performances turísticas; Giro de la movilidad; Turistas-residentes*

Como citar (APA 7ª ed.):

Lago, A. (2026). Título do artigo. *Ateliê do Turismo*, 10(1), 8 – 18, e24714. <https://doi.org/10.55028/qnab6s02>

INTRODUÇÃO

O turismo, por ser um campo de estudos interdisciplinar, conta com aportes teóricos de diversas disciplinas. Esta pesquisa, em particular, se apoia na geografia, estudos urbanos, sociologia e ciências políticas para conseguir avançar nas discussões epistemológicas. O turismo, além de ser um campo teórico, é uma atividade formada por um conjunto de relações e serviços centrados em atender a demanda turística, sendo os turistas uma parcela desse sistema.

Diferente de viagens que envolvem necessariamente deslocamentos físicos, o turismo é um fenômeno complexo composto por oferta, demanda e infraestrutura turística. Da mesma forma que há confusões entre viagens e turismo, há também entre turismo e lazer. É uma tendência contemporânea hibridizar práticas de turismo e de lazer (Cominelli *et al.*, 2018), por ambas serem práticas descompromissadas no contraponto do trabalho, em momentos de tempo livre, fora das obrigações, relacionados à vivência em ambientes, culturas e experiências. Porém, de modo geral, enquanto o lazer refere-se a busca do prazer (hedonismo) que ocorre com maior recorrência por acontecer periodicamente, o conceito tradicional de turismo pressupõe deslocamentos, quebra da rotina cotidiana e é constituído em lugares diferentes do usual em momentos extraordinários.

O turismo, muitas vezes, é segmentado por oferecer produtos e serviços que atendam as necessidades de perfis de turistas. Porém, o turismo urbano, ao ser tratado como um segmento de mercado restringe-se a compreensão de produção e consumo turístico, devido a isso, este conceito deveria ser analisado como um modelo de análise do papel do turismo nas cidades (Allis, 2012, p.15). Esse turismo trata das relações entre experiência de consumo de lugares a partir da interação entre sujeitos e o ambiente das cidades (Page & Hall, 2003).

A literatura clássica do turismo urbano concentra seu desenvolvimento a áreas urbanas que oferecem cenários sociais, culturais, físicos e estéticos (Hayllar *et al.*, 2008, p.3). Contudo foi observado, nos últimos anos, uma mudança de ótica em relação a como o turismo é

interpretado ao ser tratado holisticamente como uma atividade que pode ser espacializada pela cidade e não concentrada somente em recintos urbanos. Gale (2009, p.135) defende que experiências turísticas estão acontecendo cada vez mais perto (e até mesmo dentro) de casa. Krippendorf (2009, p.188) ressalta que para descobrir o inesperado que está escondido em nosso ambiente familiar, basta-se dar o trabalho de olhar para uma miríade de coisas interessantes e mesmo “exóticas” perto de casa.

O turismo urbano é um *continuum* de mobilidades e parte da vida cotidiana (Russo, 2016; Maitland, 2010). O arcabouço das mobilidades possibilita criar e discutir novas interpretações a respeito do comportamento de turistas, de modo que o olhar do turista representa uma maneira de de-diferenciar experiências rotineiras das extraordinárias (Urry, 1995). Utilizamos desta perspectiva analítica para discutirmos como se configuram a relação entre o turismo *off the beaten track* (em tradução livre, “fora do caminho batido”) e as performances turísticas de moradores.

A viradas das mobilidades (*mobilities turn*) constitui um aparato que contribui na ampliação de saberes das ciências sociais, incluindo o turismo. De modo geral, as mobilidades são entendidas como a cerne do turismo por promover deslocamentos, bem como são utilizadas como lentes para analisar as (i)mobilidades de pessoas, objetos, imagens, comunicações e virtualidades (Urry & Larsen, 2021), e outras dimensões, como, mobilidade de modelos, ideias, redes, informações. De modo geral, as mobilidades são utilizadas para além de um objeto de estudo, mas como enfoque, marco teórico e perspectiva para ler e interpretar as realidades sociais (Singh *et al.*, 2018).

Essas lentes analíticas e metodológicas nos ajudam a flexibilizar definições consagradas, como a da ONU Turismo que caracteriza turistas aqueles que se deslocam para fora de sua residência habitual por um período mínimo de 24 horas (OMT, 1994, p.5). Porém, essa definição por ter objetivos estatísticos, não contempla as reais necessidades práticas do fenômeno (Pakman, 2014, p.19). Ademais, tal concepção é incompatível com a natureza do turismo, por se basear no ponto de partida, e não de chegada (Noguero, 2010, p.193). Por isso, essa definição é flexibilizada para analisar o turismo de maneira holística.

Neste ensaio, chamamos de turistas os sujeitos que praticam atividades turísticas, independente de sua origem geográfica, e de visitantes (*traveller*) aqueles que se deslocam de outras localidades com intuito de visitar, não necessariamente praticar turismo. Desse modo, mais importante do que a distância espacial percorrida, o turismo é uma prática que permite que os moradores sejam turistas nas cidades que residem.

Disseminar atividades turísticas em outras partes da cidade contribui para desconcentração turística e conseqüentemente turismo mais distribuído, diluído e compartilhado no espaço urbano. Além de analisar a *performance* de moradores como turistas na cidade em que residem, as mobilidades auxiliam na discussão de turismo em lugares mundanos a partir de roteiros *off the beaten track*. Para aprofundar o debate sobre como os turistas contribuem para o turismo *off the beaten track* serão realizadas reflexões epistemológicas sobre o turismo a partir da virada das mobilidades.

Tendo as mobilidades como aporte epistemológico, se torna possível considerar turistas sujeitos independente de sua origem geográfica. Dito de outro modo, mais importante do que a distância do entorno habitual dos sujeitos é a subjetividade nas experiências ao se apropriar do espaço (Campodónico, 2015). Para Zukin (2010, p.27), essas dinâmicas urbanas não dependem

da origem, mas do estilo de vida dos usuários. O arcabouço das mobilidades possibilita criar e discutir novas interpretações de turistas a partir de seus comportamentos, como consomem e onde se apropriam do espaço urbano.

REFERENCIAL TEORICO

Mobilizando o conceito de turismo

Ser turista refere-se a forma de conhecer, organizar e estar no mundo (Bispo, 2016). Uma das principais características dos turistas é o “olhar de curiosidade em relação ao espaço visitado, em uma atitude desprentensiosamente contemplativa” (Pimentel, 2013, p.427). Existem alguns fatores que estimulam o processo de se tornar turista como a fotografia (Scarles, 2009), as paisagens, o olhar dos espectadores (Edensor, 2000) e o fato de estarem sozinhos ou acompanhados influencia na escolha dos pontos de interesse (Tintarev *et al*, 2010, p.217).

O olhar do turista é socialmente organizado, sistematizado e construído através da coleção de signos em lugares considerados fora do comum (Urry & Larsen, 2021, p.34). Desse modo, o que se olha, para onde se olha e quando se olha é uma depuração da própria intenção e constitui a visão de mundo dos sujeitos (Nicolau-Netto & Miraldi, 2017, p.195). O pós-turismo, reflexo da pós-modernidade, marca a ruptura com o turismo tradicional (de caráter fordista) (Molina, 2003, p.10), daqueles que se recusam em aceitar que faz parte de uma massa indiferenciada.

Além do olhar que detém representações da paisagem, os turistas pode ser identificado como tal pelas práticas corporificadas dos quais comportamentos são desempenhados para produzir movimento e estabelecer relações (Carneiro & Allis, 2024; Kunz, 2023). Um sujeito pode ser identificado por meio de sua *performance* ao consumir e coproduzir espaços (Edensor, 2001; Stors, 2022). A performatividade (responsável pela criação de sentido) e a corporeidade (condição de conhecer, ser e estar no mundo) são responsáveis pela experiência dos turistas urbanos (Bispo, 2016; Edensor, 2000; Kunz *et al.*, 2022).

É comum que residentes de cidades abastadas se comportem ‘*as if tourists*’ em suas cidades ao se envolver nas mesmas atividades que os visitantes (Colomb & Novy, 2016), tal perfil chamamos de “turistas-residentes”. Também é comum que turistas tentem se misturar no ambiente e se comportar como se fossem cidadãos (Matoga & Pawlowska, 2016, p.3). De modo que a “turistificação da vida cotidiana” acontece pela dificuldade de distinguir o estranho do familiar e os moradores dos visitantes (Franklin, 2003; Gale, 2009).

Pelo fato das grandes cidades possuírem “diversidade tão grande de atrativos faz com que os próprios moradores possam usufruir de toda essa variedade, tornando-se, muitas vezes, turistas em suas próprias cidades” (Severini, 2014, p.4). Desse modo, a concepção tradicional de turista parece não dar conta de explicar o avanço do turismo urbano porque práticas de moradores e visitantes, em grande medida, se mesclam, se assemelham e se confundem (Allis & Vargas, 2015; Allis & Machado, 2021). Selby (2004) classifica de “consumidores de paisagens” os sujeitos, sejam visitantes ou não, que consomem representações e paisagens na vida cotidiana, fruem a cidade, produzem imagens e desenvolvem conhecimentos.

Não se pode negar que turistas e moradores são sujeitos que experienciam as mesmas atividades e compartilham espaços e serviços urbanos (como lojas, restaurantes, atrações culturais e até meios de transporte), de modo que o mesmo sujeito possa assumir ambos os

papéis ao mesmo tempo (Allis, 2012, p.235; Cohen & Hopkins, 2019). Além de frequentarem os mesmos lugares, há dificuldade de distinguir moradores de turistas convencionais por terem comportamentos espaciais semelhantes, mesmas motivações e interesses culturais semelhantes (Allis, 2014; Ashworth & Page, 2011; Hayllar *et al.*, 2008; Selby, 2004; Maitland, 2010).

As percepções e atitudes dos sujeitos atribuem significados dado aos espaços (Pimentel, 2013, p.423). Pois as práticas e *performances* refletem a identidade dos turistas e influenciam diretamente no uso dos espaços, podendo transformá-los em turísticos (Sheller & Urry, 2004, p.20). Dessa forma, a mentalidade, o olhar, os usos e *performances* possibilitam transformar locais cotidianos em lugares extraordinários (Cominelli *et al.*, 2018; Stors, 2022). Os pós-turistas buscam lugares autênticos, alternativos e mundanos, como uma medida para evitar atrativos turísticos visitados pelos turistas de massa (Maitland, 2019).

Turismo para além dos atrativos turísticos

O turismo *off the beaten track* refere-se a um conjunto de práticas que não estão restritas a certos enclaves, mas distribuídas espacialmente. Esses lugares com potencial turístico não conhecidos são propícios para o desenvolvimento de práticas turísticas que se desviam do óbvio em termos territoriais. São considerados “fora do radar turístico” por não serem lugares promovidos em campanhas turísticas, causando disputas simbólicas quando são contrastadas com imagens de ícones de cartões postais.

Se, epistemologicamente, todos os lugares podem ser turísticos, o que faz com que lugares *off the beaten track* se diferenciam é o uso atribuído pelos sujeitos. As *performances* podem transformar lugares em roteiros *off the beaten track*, dependendo da forma de como os lugares são apropriados para a realização de práticas turísticas. A escolha dos lugares frequentados e a forma que sujeitos experienciam a cidade retratam seus comportamentos, interesses culturais, motivações e preferências. O turismo *off the beaten track* tende a ser considerado mais autêntico por acontecer longe das experiências de turistas (MacCannell, 1976, p.159).

Os turistas *off the beaten track* possuem desejo de ter experiências ordinárias e por isso tende a ser considerado mais autêntico por irem longe das experiências dos viajantes (MacCannell, 1976, p.159; Maitland & Newman, 2009). Como alternativa aos atrativos turísticos visitados por turistas de massa, os roteiros *off the beaten track* são aqueles fora do convencional que visam conhecer os bastidores da cidade (Maitland, 2019). Os turistas se sentem mais motivados a sair dos roteiros tradicionais quando visitam o destino anteriormente, pois já conhecem os atrativos turísticos mais famosos e estão menos inclinados a fazê-lo novamente (Larsen, 2019).

Diferente das áreas de urbanização turística (*urban precincts*) que foram criadas exclusivamente como centros turísticos e fazem parte do “*front stage*”, o “*backstage*” é onde ocorre a vida cotidiana dos habitantes (MacCannell, 1976). Os moradores não se incomodam de mostrar seu *backstage* desde que os visitantes se comportem apropriadamente (Cahyanto, 2012, p.744). Porém, os “palcos” de onde se pratica turismo são fluídos, contestados e negociados e os guias têm o papel de selecionar, traduzir e mediar o que será observado pelos turistas. Se não fosse o trabalho dos guias, vários desses lugares continuariam sendo escondidos.

O desenvolvimento do pós-turismo está atrelado à: i) difusão de áreas extraordinárias para áreas locais e comuns; ii) lógica de invenção do turismo em área ordinária ao consumir

seu caráter particular; e iii) lógica de reversão de estigmas (Condevaux *et al.*, 2016). Ao lançar luz para outras espacialidades, o turismo *off the beaten track* corrobora com a reversão de estigmas pela aproximação de turistas a áreas que não costumam estar relacionadas ao imaginário turístico.

O turismo integrado na vida cotidiana transforma ambientes corriqueiros em lugares dotados de signos. Um turista *off the beaten track* se diferencia dos demais pelo ritmo, o trajeto e o local de destino. O ritmo determina os movimentos, pausas, repetições e frequências nas interações dos sujeitos com os lugares. Ao influenciar no uso que é feito nos espaços, os ritmos podem trazer novos significados aos lugares, seja de forma afetiva ou repulsiva. Os turistas *off the beaten track* reconfiguram as atividades turísticas ao dispor de trajetos, narrativas, imaginários e ritmos diferentes imaginário turístico do usual.

Ir para lugares pouco frequentados por turistas de massa constitui um novo luxo. O luxo não tem necessariamente relação com a classe social e alta quantia por determinados produtos ou serviços, mas está associado à noção de diferença e distinção que a exclusividade proporciona (Nicolau-Netto & Miraldi, 2017, p.203). Diferente daqueles que consomem lugares para exibição, os que consomem pela experiência não tem necessariamente necessidade, mas um desejo de sentir prazer e de descobrir lugares que não tem forte apelo midiático.

Esse formato, assim como o “turismo do cotidiano” (Gravari-Barbas, 2013), constitui uma alternativa com menor impacto social e natural, além de experiências imersivas mais sustentáveis e de responsabilidade étnica (Seeler *et al.*, 2022). O turismo responde sobre grande parte das emissões de gases do efeito estufa e impacta diretamente nas mudanças climáticas, principalmente porque o principal vetor dos transportes continua sendo o consumo de combustíveis fósseis. Ao rever padrões de consumo turístico vigente, novos adeptos - mais conscientes e responsáveis - buscam transformação no modo em que se pratica turismo.

Mais do que colecionar lugares distantes, os olhares turísticos cada vez mais serão mais locais e ligados às relações sociais (Urry & Larsen, 2021). A reconfiguração do turismo para proximidades não se trata de substituir o turismo convencional, mas uma alternativa a viagens distantes. Além de deslocamentos mais curtos consumirem menos carbono, privilegiar ser turista nos arredores aumenta a autenticidade na interação entre os turistas com o local e garante maior benefício ao território por fomentar a economia localmente, gerar renda e fazer circular riqueza. Portanto, é uma forma de turismo que equilibra a redução de impactos ambientais com maior atenção à comunidade em torno.

Possíveis (futuras) agendas de pesquisa

O turismo *off the beaten track* auxilia a relativizar as definições espaciais e de origem geográfica, ao diferenciar lugares e sujeitos. Essa forma de turismo alternativo refere-se a espacialização de práticas turísticas, como uma medida não-hegemônica a concentração da atividade somente em precintos urbanos. A resignificação dos lugares pelos turistas gera novos usos dos espaços que precisam ser melhor compreendidos, em relação à dinâmica urbana e nuances políticas.

Dentre os potenciais do turismo *off the beaten track* é repensar e resignificar memórias dos espaços, interação imersiva com o local e é mais sustentável ambientalmente. De outro lado, podemos destacar dentre os impactos negativos a (i) criação de rugosidades e discrepâncias sócio-econômicas no território; (ii) possibilidade de se tornar mais um segmento, restrito a um nicho de turistas; (iii) prejuízos que podem ser causados para os não-turistas, em

relação as interferências nas dinâmica urbana. Os territórios turísticos são inventados e produzidos pelos turistas (Knafou, 1996, p.72-73), porém podem causar a turistificação de lugares comuns e residencialização de locais turísticos (Cominelli *et al.*, 2018).

Como constatado por Lago (2025, p.134), o turismo *off the beaten track* não ocorre somente em áreas distantes, mas também no centro. Por isso, como sugestões para pesquisas futuras, é importante 1) saber quais são os atributos que os lugares *off the beaten track* apresentam, o que eles têm em comum que os caracterizam como tal; 2) como os imaginários turísticos oficiais (dos planos de turismo e demais instrumentos de promoção) e alternativos são contrastados; 3) como e onde se configuram as narrativas e práticas do turismo *off the beaten track*; e 4) quais são os usos feitos pelos turistas que determinam o desenvolvimento deste tipo de turismo.

Os fluxos de turistas em cidades é desafiador nos estudos urbanos pela complexidade de rotas, ritmos, estruturas, mobilidades e fricções. É relevante saber quem são e onde os pós-turistas frequentam para que a tomada de decisões do poder público sejam mais efetivas para alocação de recursos do planejamento e gestão do destino turístico e melhorias em investimentos na infraestrutura (como segurança e sinalização). As mobilidades são um recurso desigualmente produzido e acessado por serem influenciadas e moldadas por fricções, causando motilidades (má distribuição de mobilidades).

É necessário debater a definição de turismo porque a ambiguidade do que se entende por turistas pelos gestores pode manipular o destino de investimentos, já que a polissemia do termo oferece justificativa evasiva para direcionar recursos (Júnior *et al.*, 2024, p.13). Para que políticas públicas de turismo sejam eficazes a longo prazo é preciso que sejam articuladas com instrumentos legislativos e diretrizes orçamentárias e não meras ações pontuais, vinculadas a planos de governo.

Conforme apontado por Villaça (1998), o plano diretor tem uma papel ideológico por não ter efetividade em como os problemas serão solucionados, em estabelecer prioridades e nem orientar a gestão de investimentos. Rolnik (2022) acrescenta ao considerar a desigualdade é advinda do planejamento urbano, porque é uma decisão a criação e implementação (ou não) de políticas públicas.

CONCLUSÃO

O turismo *off the beaten track* é um modelo alternativo de turismo espacializado em áreas que não são consolidadas como turísticas. Esse turismo, além de fornecer visibilidade a novos trajetos com experiências significativas e sensoriais, constitui narrativas contra-hegemônicas ao produzir novas leituras do espaço e contribuir para o senso de pertencimento na cidade. É comum que em grandes cidades, pela variedade de práticas e lugares, haja maior diversidade de perfis e atividades turísticas disseminadas em várias regiões.

O arcabouço das mobilidades contribuiu com a argumentação de que é possível realizar práticas turísticas na própria cidade. Uma das premissas deste ensaio foi a distinção entre viajantes e turistas, na medida em que viajantes são sujeitos que realizam um deslocamento para outros lugares e turistas não necessariamente. Essa distinção se dá para que turistas-residentes sejam considerados nas estatísticas e consequentemente planejamento turístico.

É necessário tornar o turismo urbano um fenômeno menos abstrato de se compreender pelas implicações que tem na formulação e execução de políticas públicas. Essa medida evita

o turismo de massa e gera maior distribuição espacial da atividade turística em diferentes rotas turísticas, influenciando diretamente no desenvolvimento do turismo intra-urbano. Com base nisso, defendemos que a distância espacial dos turistas não é tão importante quanto os usos, vivências e experiências turísticas.

Os roteiros *off the beaten track* aumentam o interesse de turistas conhecer áreas que não são atrativos turísticos consolidados e incentiva que moradores sejam beneficiados de práticas turísticas. Ambos, viajantes e moradores, podem ser atraídos pela vivência cotidiana e cena urbana composta pela diversidade na formação social. A pluralidade de lugares e oferta cultural incentiva que mais moradores performem como turistas e sejam adeptos ao turismo *off the beaten track*.

Em outras palavras, a virada das mobilidades proporciona considerar turistas aqueles sujeitos que operam um olhar de curiosidade e *performance*, independente de suas origens. Esses aspectos são fundamentais para a de-diferenciação (tornar semelhante) de sujeitos e o uso que fazem dos lugares, já que são os sujeitos que determinam os significados dos usos nos espaços urbanos. Por essa razão, os lugares podem se tornar turísticos, dependendo do uso.

Este ensaio objetivou discutir as relações sobre as performances turísticas dos moradores com o turismo espacializado em lugares fora do imaginário convencional. Esse é um tema relevante por (i) haver poucas pesquisas sobre o comportamento de turistas e lugares que não costumam ser associados a práticas turísticas; e (ii) analisar o turismo a partir dos estudos das mobilidades. Como sugestão, é importante o desenvolvimento de mais pesquisas sobre o turismo no Sul Global, em especial como práticas turísticas pouco pesquisadas influenciam nos instrumentos de políticas, gestão e promoção do turismo. Portanto, espera-se que este ensaio traga inspiração para planejar e discutir práticas turísticas alternativas sustentáveis e autênticas.

REFERENCIAS

- Allis, T. (2012). *Projetos urbanos e turismo em grandes cidades: o caso de São Paulo*. Tese de doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Allis, T. (2014). Viajantes, visitantes, turistas...Em busca de conceitos em um mundo urbano. *Caderno Virtual de Turismo*. Edição especial: Hospitalidade e políticas públicas em turismo. Rio de Janeiro, 14(1), 23-38.
- Allis, T., & Vargas, H. (2015). Turismo urbano em São Paulo: reflexões teóricas e apontamentos empíricos. *Revista Turismo em Análise*, 26(3), 496-517
<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v26i3p496-517>
- Allis, T., & Machado, A. (2021). O que um pedaço de concreto diz sobre turismo e cidade?. In M. Panaia. (Ed.). *Turismo: la otra mirada*. Vicente López: La Colmena, 1a ed, 157-177.
- Ashworth, G., & Page, S. (2011). Urban tourism research: Recent progress and current paradoxes. *Tourism Management*, 32, 1-15
<https://doi.org/10.1016/j.tourman.2010.02.002>
- Bispo, M. (2016). Tourism as practice. *Annals of Tourism Research*, 61, 170-179
<https://doi.org/10.1016/j.annals.2016.10.009>
- Campodónico, R. (2015). Turismo: de la movilidad al espacio. Juiz de Fora: *Revista Latinoamericana de Turismologia*, 1(2), 8-16.

- Cahyanto, I., Pennington-Gray, L., & Thapa, B. (2012). Tourist-resident interfaces: using reflexive photography to develop responsible rural tourism in Indonesia. *Journal of Sustainable Tourism*, 21(5), 732-749 <https://doi.org/10.1080/09669582.2012.709860>
- Carneiro, J., & Allis, T. (2024). Mobilidades, etnografia e turismo: um panorama sobre metodologias etnográficas na literatura. *Etnográfica*, 28(1), 259-282 <https://doi.org/10.4000/etnografica.15011>
- Cohen, S., & Hopkins, D. (2019). Autonomous vehicles and the future of urban tourism. *Annals of Tourism Research*, 74, 33-42 <https://doi.org/10.1016/j.annals.2018.10.009>
- Colomb, C. & Novy, J. (2016). *Protest and Resistance in the Tourist City* (Contemporary Geographies of Leisure, Tourism and Mobility). Routledge.
- Cominelli, F., & Fagnoni, E., & Jacquot, S. (2018). *Les espaces du tourisme et des loisirs: entre ordinaire et extraordinaire*. Bulletin de l'association de géographes français. *Géographies*, 95(4), p.431-441 <https://doi.org/10.4000/bagf.3839>
- Condevaux, A., Djament-Tran, G., & Gravari-Barbas, M. (2016). Before and after tourism(s). The trajectories of tourist destinations and the role of actors involved in “off-the-beaten-track” tourism: a literature review. *Via Tourism Review*, v.9. <https://doi.org/10.4000/viatourism.413>
- Edensor, T. (2000). Staging tourism: tourists as performances. *Annals of Tourism Research*, 27(2), 322-344 [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(99\)00082-1](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(99)00082-1)
- Edensor, T. (2001). Performing tourism, staging tourism: (Re)producing tourist space and practice. *Tourist Studies*, 1(1), 59-81 <https://doi.org/10.1177/146879760100100104>
- Franklin, A. (2003). *Tourism. An Introduction*. London: Sage.
- Gale, T. (2009). Urban beaches, virtual worlds and “The End of Tourism”. *Mobilities*, 4(1), 119-138. <https://doi.org/10.1080/17450100802657996>
- Gravari-Barbas, M. (2013). *Aménager la ville par la culture et le tourisme* (City development through culture and tourism). Paris: Le Moniteur.
- Hayllar, B., Griffin, T., & Edwards, D. (2008). *City Spaces, Tourist Places: Urban Tourism Precincts*. Elsevier.
- Júnior, J., Fonseca, C., Candido, D., & Santos, G. (2024). O que define um turista? Da teoria à compressão dos gestores de destinos. *Revista Turismo em Análise*, v.35, 1-15 <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v35p1-15>
- Knafou, R. (1996). Turismo e Território: Por uma abordagem científica do turismo. In: Rodrigues, A. (org.). *Turismo e geografia - reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec, 62-74.
- Krippendorf, J. (2009). *Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Kunz, J. & Castrogiovanni, A., & Pimentel, M. (2022). *Paisagens no Turismo: entre os paradigmas do olhar e da performance*. Londrina, PR: Geografia, 31(1), 9-29.
- Kunz, J. (2023). Revisitando performances como oportunidades para o estudo das mobilidades turísticas. *Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade*, 15(4), 1085-1104.
- Lago, A. (2025). *Turismo urbano e cidades globais: Análise de São Paulo sob a ótica das mobilidades*. Dissertação (Turismo) - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Larsen, J. (2019). Ordinary tourism and extraordinary everyday life: re-thinking tourism and cities. In R. Frisch & N. Stors., L. Stoltenberb & Sommer, C. (Eds.). *Tourism and everyday life in the city*. London: Routledge.
- MacCannell, D. (1976). *The Tourist: A New Theory of the Leisure Class*. New York: Schocken Books.
- Maitland, R; Newman, P. (eds.). (2009). *World Tourism Cities: Developing tourism off the beaten track*. Routledge.

- Maitland, R; Newman, P. (eds.). (2010). Everyday life as a creative experience in cities. *International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research*, 4(3), 176-185
<https://doi.org/10.1108/17506181011067574>
- Maitland, R; Newman, P. (eds.). (2019). Extending the frontiers of city tourism: suburbs and the real London. In: Smith, A., & Graham, A. (eds.). *Destination London: The Expansion of the Visitor Economy*. London: University of Westminster Press, p.15-35.
- Matoga, L., & Pawlowska, A. (2018). Off the beaten track tourism: a new trend in the tourism development in historical European cities: A case study of the city Krakow, Poland. *Current Issues in Tourism*, 21(14), 1144-1169
<https://doi.org/10.1080/13683500.2016.1212822>
- Molina, S. (2003). *O pós-turismo*. São Paulo: Aleph.
- Nicolau-Netto, M., Miraldi, J. (2017). Turismo de luxo: a produção do destino e a denegação do social. *Revista Pós Ciências Sociais*, 14(28), 191-218.
- Noguero, F. (2010). El concepto del turismo según la OMT. In M. Nechar & A. Panosso-Netto. *Epistemología del turismo: estudios críticos*. México: Trillas, 174-201.
- OMT. (1994). *Recomendaciones sobre estadísticas del turismo*. Organización Mundial del Turismo. Nova Iorque: Nações Unidas.
- Page, S., & Hall, X. (2003). *Managing urban tourism*. Harlow: Pearson Education.
- Pakman, E. (2014). *Sobre as definições de turismo da OMT: uma contribuição à história do pensamento turístico*. Trabalho apresentado no XI Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR), 24, 1-20.
- Pimentel, M. (2013). A experiência turística e a imaginabilidade da paisagem urbana. *Revista Rosa dos Ventos*, 5(3), 421-438.
- Rolnik, R. (2022). *São Paulo: O planejamento da desigualdade*. São Paulo: Fósforo.
- Russo, A. (2016). Las nuevas fronteras del estudio del turismo: retos conceptuales y epistemológicos. *Revista CIDOB*, n.113, 15-32 <https://www.jstor.org/stable/24897278>
- Scarles, C. (2009). Becoming tourist: renegotiating the visual in the tourist experience. *Environment and Planning D: Society and Space*, 27(3), 465-488
<https://doi.org/10.1068/d1707>
- Seeler, S., Luck, M., & Schanzel, H. (2022). Paradoxes and actualities of off-the-beaten-track tourists. *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 53, 216-224
<https://doi.org/10.1016/j.jhtm.2021.06.004>
- Selby, M. (2004). *Understanding urban tourism: image, culture & experience*. Londres, Nova Iorque: I. B. Taurus & Co Ltda.
- Severini, V. (2014). *Turismo e Hospitalidade Urbana: repensando a sustentabilidade das grandes cidades*. III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (ENANPARQ) “Arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva”.
- Sheller, M., & Urry, J. (2004). Places of play, places in play. In: Sheller, M., & Urry, J. (org.). *Tourism mobilities: places to play, places in play*. London: Routledge, 1-10.
- Singh, D., Giucci, G., & Jirón, P. (orgs.). (2018). *Términos clave para los estudios de movilidad en América Latina*. Buenos Aires: Editorial Biblos.
- Stors, N. (2022). Constructing new urban tourism space through Airbnb. *Tourism Geographies. An International Journal of Tourism Space, Place and Environment*, 24(4-5), 692-715 <https://doi.org/10.1080/14616688.2020.1750683>
- Tintarev, N., Flores, A., & Amatriain, X. (2010). Off the beaten track: a mobile field study exploring the long tail of tourist recommendation. In *Proceedings of the 12th international conference on human computer interaction with mobile devices and services*, 209-218. <https://doi.org/10.1145/1851600.1851636>
- Urry, J. (1995). *Consuming places: a review of new studies*. London: Routledge.

Urry, & Larsen, J. (2021). *O olhar do turista 3.0*. São Paulo: Edições SESC.
Villaça, F. (1998). *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel.
Zukin, S. (2010). *Naked city: the death and life of authentic urban places*. New York: Oxford University Press.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DOS DADOS

Todos os dados relevantes estão disponíveis no texto.

INFORMACOES DO(S) AUTOR(ES)

1

Doutoranda em Turismo e Hotelaria na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Mestra em Turismo pela Universidade de São Paulo (PPGTUR-USP). Bacharela em Lazer e Turismo pela EACH-USP. E-mail: andressa.lago2907@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3163-5178>.

Contribuições: Conceituação, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Administração do projeto, Supervisão, Validação, Redação do manuscrito original, Redação - revisão e edição.

REVISTA CIENTÍFICA INTERNACIONAL VINCULADA A

